



OS OLHOS DO FAROL

de
Pedro Serrazina

caderno redigido
por
Rossana Torres

SINOPSE e ficha técnica	01
O AUTOR - CONTEXTO	02
QUESTÕES DE CINEMA	03-07
ANÁLISE DE UM FOTOGRAMA	08
ANÁLISE DE UM PLANO	09
DIÁLOGO COM OUTROS FILMES- OUTRAS ARTES em breve	10
QUESTÕES PEDAGÓGICAS	11-13

Os Olhos do Farol

realização: Pedro Serrazina



SINOPSE

Numa ilha rochosa e exposta aos elementos, um faroleiro vive isolado com a sua filha. Do alto da sua torre o pai vela rigorosamente pelo horizonte e pela segurança dos barcos que passam. Sem outra companhia, a rapariga desenvolve uma cumplicidade única com o mar, que lhe traz brinquedos sob a forma de objectos que dão à praia. Ao ritmo das ondas, estes objectos desvendam acontecimentos antigos, memórias que as marés não conseguem apagar...

Ficha Técnica

Nacionalidade: Portugal, Holanda

Duração: 15 min.

Ano: 2010

Realização, argumento, montagem: Pedro Serrazina

Direcção de Arte: Nathalie Woof

Montagem: Pedro Serrazina com Cátia Salgueiro, Ralph Foster,

Música: Harry Escott

Animação: Rita Cruchinho Neves, David Doutel, Carina Beringuilho, Pedro Brito

Direcção de Arte: Nathalie Woof

Produção: Sardinha em Lata, Lda / Photon Films / Filmes da Praça, Filmógrafo

O AUTOR

Pedro Serrazina, nascido em Lisboa, estudou arquitectura no Porto durante 5 anos, deixando o curso incompleto para se dedicar profissionalmente ao cinema de animação. O seu primeiro filme, *Estória do Gato e da Lua*, estreou em competição no festival de Cannes'96 e foi premiado com 15 prémios internacionais. Em 1996 mudou-se para a Inglaterra para tirar um curso de mestrado no Royal College of Arts. Desde então tem combinado uma carreira académica com o desenvolvimento do seu trabalho criativo em várias áreas. Projectos recentes incluem a publicação de um livro de ilustrações e contos, "*Pequenas Estórias Sem Importância*" editado como complemento de uma performance para crianças, no Porto (2006). Pedro Serrazina foi director do curso de licenciatura em Animation Arts na University for the Creative Arts, Maidstone, onde organizou AniMaidstone 2009, um evento internacional que combinou a produção de 5 animações/documentários realizados por estudantes e dedicados às comunidades desfavorecidas de Maidstone. Pedro Serrazina é também professor convidado da Universidade Católica do Porto e participa regularmente em júris e workshops internacionais.

Filmografia

Ciclo Vicioso (1996)
Estória do Gato e da Lua (1997)
Within (1998)
One Minute about my Life (1998)
Uma Canção Distante (2001)
O Olhos do Farol (2010)

CONTEXTO

Conflito entre pai e filha, causado pelo trauma da perda da mãe numa tempestade no mar.

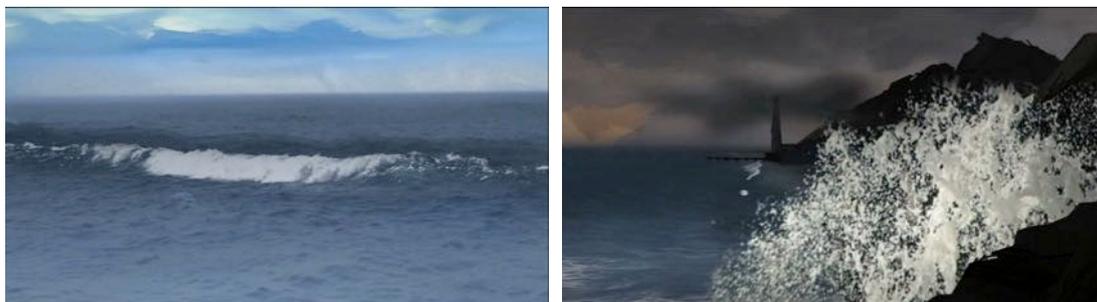
Este filme combina a imagem real do mar, com as suas ondas, tempestades, acalmias e luminosidades, com os desenhos dos cenários e a animação desenhada dos personagens (pai, filha, mãe e marinheiro), dos objectos que vão dar à praia, o movimento da luz do farol e as brumas que trazem as tempestades.



QUESTÕES DE CINEMA

O som e a música falam dos personagens

Sons reais: do vento e mar no exterior e interior, ondas calmas e ondas fortes, sons de barcos (madeiras a estalar), roncas de farol, navios e trovões.



Sons dos personagens: ruídos com os objectos, respiração, gritos e grunhidos.

A ausência de falas e diálogos reforça a falta de comunicação entre os dois principais personagens.

Sons musicais de instrumentos diferentes, mais alegres quando estamos com a menina (xilofone infantil, ...) e mais soturnas quando estamos com o pai... (piano ...)

Tempestade no mar e o conflito

Desde o primeiro momento, os dois personagens, o faroleiro e a filha, têm uma relação tensa e silenciosa, o pai limita-se a dar de comer à filha, sem qualquer afecto ou atenção. A filha, quando vai ter com ele para comer, fica triste com essa indiferença.



Ambos têm uma forte relação com o mar – sendo este também um personagem – mas relacionam-se com ele diferentemente.



O pai tem no mar revolto um inimigo, pois é o guardião do olho do farol para protecção dos barcos que dão à costa e também lhe tem medo por ele ter levado a sua amada e mãe da sua única filha.



A filha tem o mar como um fiel amigo, que lhe oferece pequenos tesouros. É o seu companheiro de brincadeiras, confidente e caprichoso. É temperamental, por vezes é mau, escuro e assustador tal como o pai, outras vezes é bom, claro, calmo e brilhante.

Há cumplicidade entre o estado emocional da miúda e as tempestades, a fúria dela contra o pai traz a tempestade, vendo-se as brumas escuras a andar atrás dela no céu quando passa zangada vinda do farol. Assim como parece que ela acalma o mar quando vê alguém que está em perigo: o marinheiro no barco, o pai quando cai das rochas.



O mar - que é o único elemento do filme que é em imagem real - é o motor desta história, quer no causador de conflito quer na sua resolução.

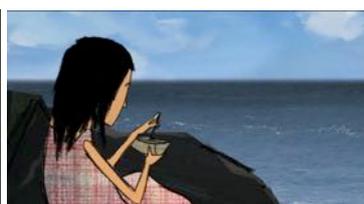
O objecto como memória e amizade

A menina brinca com o mar e com os objectos que as ondas lhe trazem. Alguns desses objectos têm vermelho, a cor que está ligada à mãe, perdida numa tempestade. Vão e vêm com as ondas o cachecol, a fotografia, o manto.



Quando o pai vê a filha apropriar-se deles, são esses objectos que lhe lembram o trauma da perda e lhe provocam as zangas. Atirando-os de novo para o mar, fica também a miúda muito zangada com ele.

O barquinho de brincar com a sua pequena vela, assim como as ventoinhas, são objectos com que ela brinca comunicando com os seus únicos amigos, o vento e o mar. O barquinho parte-se duas vezes ao longo do filme, no início quando o pai o atira ao chão com indiferença ao limpar a mesa para comer. Ela sai zangada, ficando depois muito triste a olhar o mar.



E depois, quase no final, é ela que o deixa cair quando vai tentar socorrer o pai, sem ligar importância ao facto, menos o realizador, por nos mostra o barquinho partido na rocha, num plano fechado.



O chapéu do marinheiro amigo que os visita, é um objecto que é partilhado entre este e a menina até ao fim dessa mesma sequência, em que a fotografia da imagem da mãe, que a filha transporta, é arrancado pelo pai e deitada fora para o mar. A sequência acaba com a cara da menina triste e preocupada quando o Marinheiro amigo parte. O pai não é amigo dela.



O esconderijo e o trauma

Há espaços que pertencem a cada um dos personagens: o topo do farol com as pinturas que o pai faz da amada perdida, é vedado à filha, escondendo o seu trauma – o segredo da mãe desaparecida. Vemo-lo muitas vezes através das grades da janela do farol, como numa prisão emocional. Essas pinturas serão parcialmente destruídas pela filha quando esta as descobre.



A gruta na rocha esconde-se o mundo da criança, é o esconderijo onde a filha guarda todos os objectos que o mar lhe traz, lugar onde o pai nunca vai, excepto no final quando a procura no meio da tempestade. No esconderijo, ele vê a filha sentada triste e, por momentos, vê a mãe projectada na parede da gruta pela luz de um raio.



Assustado pela visão, foge e cai para o mar e vemos num encadeamento de imagens fixas de pinturas (parecidas com as feitas pelo pai) da queda da mãe ao mar. Nessas imagens, que passam muito rapidamente, há também um bebé - a filha, que ele afinal conseguiu salvar. Depois na praia, quando se vê uma mão nas costas dele deitado, vê-se primeiro a mulher amada, que se vai fundindo na filha, que o olha sorridente, ajudando-o a levantar-se. O pai começa por pôr o braço no ombro dela e depois abraçam-se fortemente, desfazendo-se o trauma.



ANÁLISE DE UM FOTOGRAMA

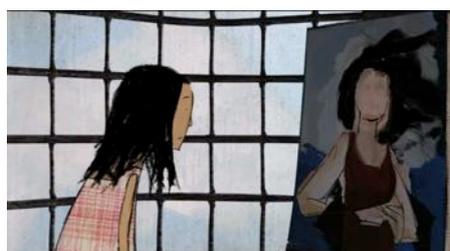


Depois da primeira tempestade a filha debruça-se entre os destroços chegados à praia – que podem ser de um barco - e encontra uma peça vermelha (igual ao vestido da mãe).

É uma visão em picado, num contracampo do olhar do pai do cimo do farol.



Esta imagem é prévia à última e à maior zanga entre o pai e filha, que irá fazer despoletar a revelação e a destruição das pinturas do pai (todas elas com imagens da mãe com um vestido vermelho), e a tempestade final.

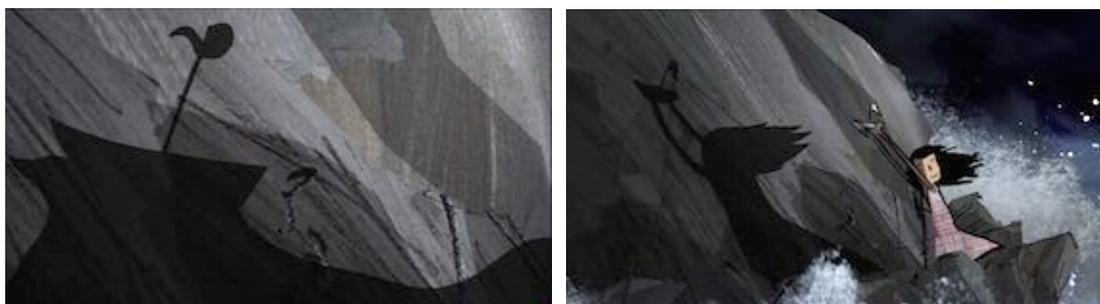


ANÁLISE DE UM PLANO (3 hipóteses)

1- Desde o primeiro momento, os dois personagens, o faroleiro e a filha, têm uma relação tensa e silenciosa, o pai limita-se a dar de comer à filha, sem qualquer afecto ou atenção. A filha, quando vai ter com ele para comer, fica triste com essa indiferença. Este último plano da primeira sequência, vemos a câmara a recuar lentamente, introduzindo o conflito no filme.



2- Depois de verificar que o farol estava partido, o pai tem a visão de um barco em aflição no mar, sai a correr com uma lanterna, que acaba também por se partir com uma onda. O medo do pai da tempestade e do perigo de mais um naufrágio, não deixa ver logo que afinal aquele barco é apenas a sombra do barquinho, revelada no movimento da câmara a recuar. O barquinho é afinal movimentado ferozmente pela filha fazendo o movimento das ondas do mar.



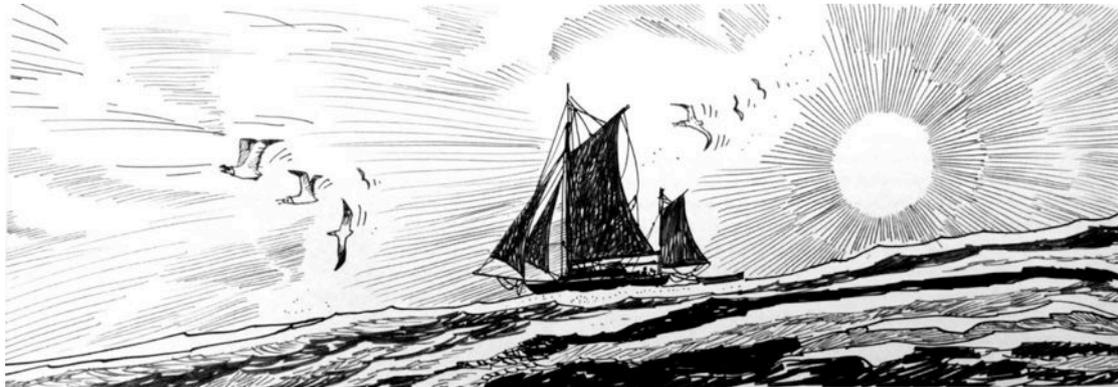
3 - O pai depois de atravessar a tempestade e subir as rochas com dificuldade por causa das ondas fortes, abre a porta do esconderijo da filha e observa o espaço escondido com uma panorâmica de toda a gruta até à menina sentada com medo (dele), e subitamente há a visão da imagem da mãe na parede trazida pela luz de um raio, a proteger a filha. Depois desta visão, o pai foge e cai pelas rochas abaixo.



DIÁLOGO COM OUTROS FILMES E OUTRAS ARTES (em breve)



El Sur, de Victor Erice



Hugo Pratt



J.M. William Turner

PROPOSTA DE ACTIVIDADES PEDAGÓGICAS

Trabalho antes da projecção

O título

Ouvir o início do filme a parte do genérico - descrever os sons que se ouvem, onde se passa o filme e imaginando o que poderá ser o filme.

Ver o fotograma em picado da menina triste sentada na mesa com o barquito, e do lado esquerdo uma parte do corpo do pai, exatamente antes de atirar o barquito para o chão quando limpa a mesa.



O que se vê nesta imagem?

Quem são estes personagens, qual a relação que têm entre si?

Onde estão?

O que se passa e o que se vai passar a seguir?

Qual é o ponto de vista?

Ver o fotograma do conflito entre o pai e a filha na praia (mais em baixo)

O que se vê? Quais os elementos que compõem o fotograma a nível gráfico.

O mar é desenhado ou é fotografado?

Quem são estes personagens, onde estão e qual será a relação entre eles.

O que estão a fazer? Porquê?

Dar atenção às cores, às sombras e à luz para ajudar a ver.

Em sala de aula,

pode-se propor aos alunos que imaginem uma história a partir desta imagem.



Dinamização de questões depois da Projecção

Ligar com o trabalho antes da projecção

O que é real e o que é desenho no filme?

Enumerar os elementos de que se lembram

Voltar a ver a sequência inicial (até à mesa do almoço) dando atenção ao som e à música no filme. (Estas questões são possibilidades, não há especial ordem nem relação entre elas)

- Qual a relação entre a miúda e o mar? O que é que o mar representa para a miúda?
- Que instrumentos musicais se ouvem com cada um dos personagens?
- Questionar sobre o último plano desta sequência, como o primeiro no filme a introduzir o conflito
- Lembram-se de haver algum diálogo no filme. Porque é que o realizador optou por não ter diálogos? Como fala o filme?

Rever a última sequência a partir da entrada do pai no esconderijo da filha até a menina abraçar o pai:

- Porque razão aparece a figura da mãe por traz da menina quando entra um raio?
- Porque é que ele fugiu da filha quando a viu na gruta?
- Porque é que o realizador nos quis mostrar o barco a partir-se?
- Como é que ficamos a saber do problema do pai e desta história?
- O que mudou nos personagens entre o início e o fim?

Rever as imagens fixas do naufrágio da mãe, mais do que uma vez para se ver bem o que está lá, a importância dos enquadramentos, ligação, cor e ampliação da última delas, etc.

- Porque é que o realizador nos deu a ver o naufrágio com estas imagens fixas, e não em desenho animado?

Trabalhos em sala de aula

Continuar a conversar sobre o filme no geral, a partir das questões cinematográficas e de cidadania que ainda não tenham sido abordados:

- Que relação tem a menina com o mar? Rever as situações que vão sendo lembradas. Já alguma vez vos aconteceu situações, mágicas, estranhas, fora do que é dito normal com elementos da natureza?
- E a gruta na rocha como um esconderijo, faz-vos lembrar algum lugar que já tenham tido ou conhecido?
- Escolher uma situação, rever várias vezes, plano a plano, dando atenção a vários aspectos como a *mise en scene*, os movimentos, os cortes, o ritmo, o som, etc. abordando aspectos cinematográficos e de relação com o que se quer contar na história.

(destas questões podem surgir ideias que se podem desenvolver nos trabalhos práticos)

Trabalhos práticos, individual e/ou em grupos

Lembrar e/ou contar uma história ou situação relacionada com uma perda de um ente próximo e/ou de um conflito entre gerações, seja em texto, desenhos, banda desenhada, filme.

(e no caso de haver muitas sessões práticas previstas:

- Escolher de algumas dessas histórias/situações, um personagem e um movimento/acção, para decompor e desenhar os *frames chave* do movimento para um mini filme de animação, e/ou
- Escolher, organizar, planear algumas dessas histórias, fotografar e/ou realizar desenhos, registar, montar e sonorizar.
- Realizar um pequeno filme a partir das questões trabalhadas.

Outros trabalhos para realizar com alunos mais novos:

- Tirar uma fotografia de um lugar onde se poderá imaginar um esconderijo. A partir dessa fotografia, desenhar num acetato ou papel vegetal uma cabana, um esconderijo possível... e imaginar que objectos se poderiam esconder ali.

- A partir de pequenas sequências de animação no filme, como as ventoinhas, a vela do barquinho, outras, desenhar um objecto simples, de 2 a 12 momentos chave, para realizar um pequeno gif, ou para experimentar num objecto do pré-cinema (taumatropo, zootropo, etc.)

Nota final: Praia dos Alteirinhos onde o Pedro Serrazine se inspirou para este filme



Rossana Torres
Os Filhos de Lumière

**SHORTCUT É UM PROGRAMA EUROPEU QUE REUNE QUATRO PAÍSES,
EM TORNO DA EDUCAÇÃO PARA O CINEMA.
OS FILHOS DE LUMIÈRE – UM DOS PARCEIROS DESTE CONSÓRCIO
É O COORDENADOR EM PORTUGAL**

Shortcut (Histórias Curtas, Grandes Questões) é um programa Europeu de educação para o cinema promovido pela *Fundacja Centrum Edukacji Obywatelskie* (Polónia) que se centra na elaboração de uma metodologia e ferramentas para o trabalho dos professores e educadores, centrada no filme de curta metragem como objecto artístico e mote para a educação dos jovens para a cidadania, direitos humanos, inclusão social.

Este programa foi um dos projectos seleccionados em 2018 para receber o apoio da Europa Criativa/ Programa MEDIA da União Europeia, no quadro do seu apelo a candidaturas para a educação cinematográfica e tem como principal objectivo:

- Fazer uma escolha (e aquisição de direitos) para uma **colecção de filmes** de curta-metragem acessíveis no âmbito deste programa pedagógico.
- Criar e desenvolver cadernos e materiais pedagógicos de apoio.
- Implementar o programa nas escolas nos 4 países através de modelos de formação de professores (com diferentes durações).
- Apoiar a criação de residências de cineastas em escolas seleccionadas para experimentar, desenvolver, e aprofundar a metodologia, em situações concretas com os professores e alunos.
- Criar eventos nacionais de aprendizagem e *networking*.
- Desenvolver e participar em encontros de cooperação e de reflexão entre parceiros e actores da transmissão do cinema na Europa.

Os Filhos de Lumière, entidade responsável pela estratégia e desenvolvimento de Shortcut em Portugal, insere-se numa rede constituída por 4 parceiros de 4 países diferentes – Polónia (através da *Fundacja Centrum Edukacji Obywatelskie* e da *Filmoteka Akcja*), Irlanda do Norte (através de *Nerve Centre*) e República Checa (através da ONG *Člověk v Tísni Ops/ People in Need*).

Criada no ano 2000 por um grupo de cineastas, Os Filhos de Lumière, é uma associação cultural vocacionada para a sensibilização ao cinema enquanto forma de expressão artística, que desenvolve, em colaboração com parceiros nacionais e internacionais, actividades em todo o país, que visam levar a uma apreciação, compreensão e reflexão crítica sobre as obras que resultam da prática da arte cinematográfica.

Integra projectos internacionais e europeus com os quais partilha a convicção de que o conhecimento decorrente da experimentação é o mais rico e profundo, privilegiando-se uma abordagem prática, numa aliança entre a análise da linguagem e matéria cinematográfica e o gesto de criação. Estes programas dirigidos em particular a crianças e jovens, mas também a adultos, juntam realizadores, professores, crianças, jovens, escolas, espaços culturais.

Os Filhos de Lumière - associação cultural - Rua das Gaivotas, nº2 - 1200 - 202 Lisboa (Portugal)
tel: (+351) 210 150 885 / (+351) 213 460 164 tm/mobilephone: (+351) 916 859 933 / (+351) 913 480 397
filhos.lumiere@gmail.com

[www.osfilhosdelumiere.com](http://osfilhosdelumiere.com) - <http://osfilhosdelumiere.blogspot.com/>
<https://www.cined.eu/pt> - <https://shortcut.osfilhosdelumiere.com/>